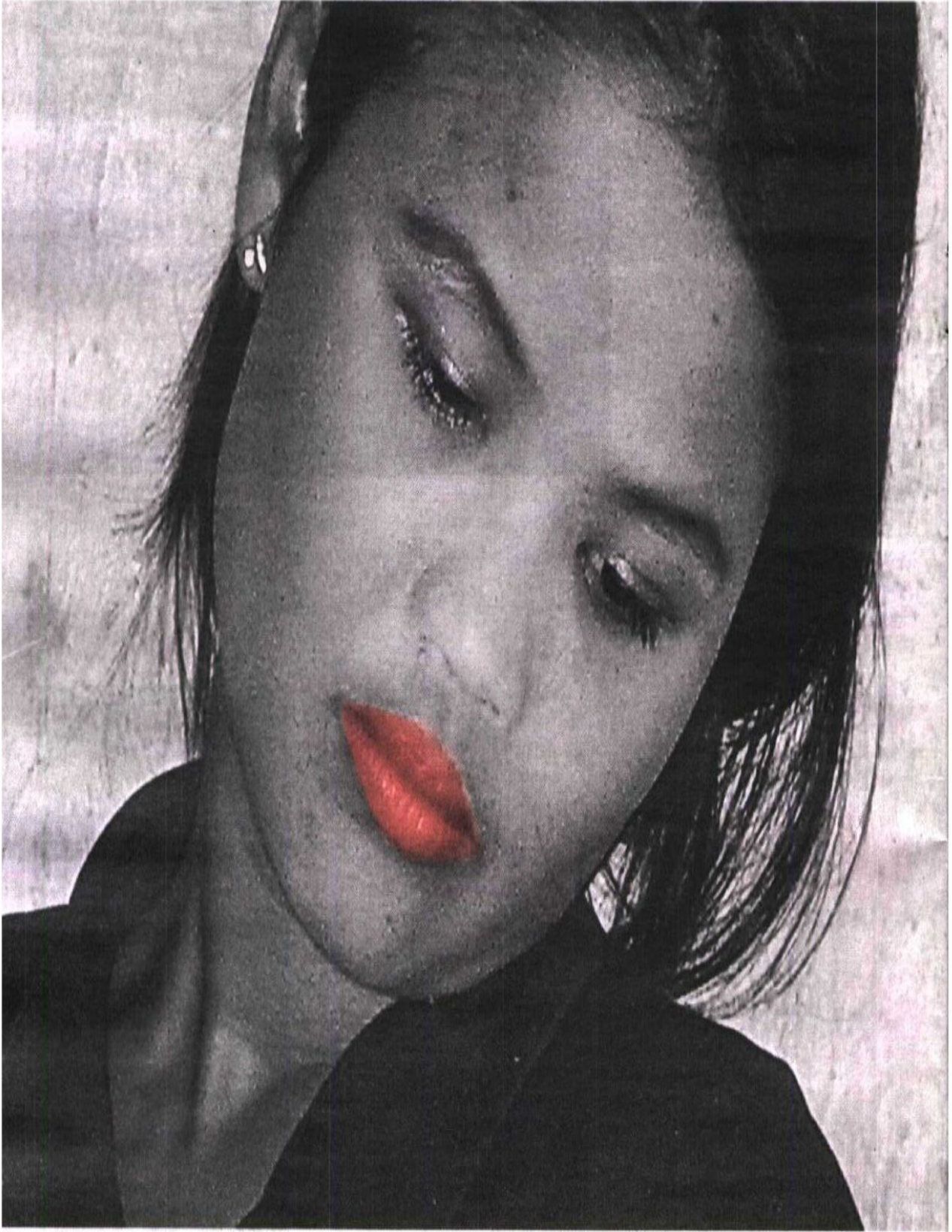


doclisboa

«Le Papier ne Peut pas Envelopper la Braise», do cambodjano Rithy Panh. Em baixo, «Umbrella», de Du Haibin, «Chronicle of a Chinese Woman», de Wang Bing, e «De Son Appartement», de Jean-Claude Rousseau



BIG DOC

história. São 150 filmes dos quatro cantos do mundo **Texto de Francisco Ferreira**



O êxito das edições passadas do DocLisboa motivou o salto qualitativo e quantitativo que se avizinha para o programa de 2007, o quinto da história deste festival de documentários que Lisboa recebe habitualmente, em Outubro, com simpatia. Um olhar transversal à programação, que começa quinta-feira (até dia 28), sugere-nos, para já, que este Doc vai ser o melhor de sempre. Às duas salas da «casa-mãe», a Culturgest, associam-se os cinemas Londres e São Jorge, em política de expansão pela cidade. Após o termo da aventura lisboeta, o Doc exhibirá alguns filmes das suas oito secções (três delas com-

petitivas) em outras tantas cidades do país. Pelas nossas contas, serão apresentados cerca de 150 filmes. 60 cineastas estrangeiros passarão pela capital para apresentar os seus trabalhos. O panorama deste «Big Doc» é entusiasmante: se não esconde a ambição de implementar-se definitivamente na agenda dos espectadores lisboetas, propondo-se atingir uma meta de 30 mil espectadores que há pouco tempo se consideraria impossível, nem por isso deixou de medir as consequências de um crescimento controlado, contrapondo a alguns «filmes-chamariz» (da nova propaganda de Michael Moore, *Sicko*, ao notável *When*

the Levees Broke: A Requiem in Four Acts, de Spike Lee — análise social e política do desastre de Nova Orleães depois do furacão Katrina) um belo programa baseado na aventura e no risco.

Quem anda nestas andanças dos festivais de cinema nota que este Doc fez excelente trabalho de casa, de Roterdão a Berlim, do activo festival Cinéma du Réel, em Paris, às excepções de Cannes, das magníficas escolhas do FID, em Marselha, às secções menos mediáticas de Locarno e Veneza. O Doc soube estar nestes sítios e recolher o mais interessante. Outras secções, como a «Diários Filmados e Auto-retratos», têm autonomia para criar um minifestival dentro do festival, uma linha paralela estimulante.

Quanto à retrospectiva deste ano, «chapeau!»: o Doc tira um coelho da cartola e passa a perna a muitos festivais de escalão e orçamento superiores com uma retrospectiva (não é integral) a Lech Kowalski (ver texto na pág. 6), esse documentarista instintivo que soube manter-se na margem dos últimos 30 anos de cinema contemporâneo, desde a sua elegia ao punk que é **D.O.A.** — **Dead on Arrival**, filmado nos últimos anos da década de 70, até **Winners and**

Losers, estreado, em Agosto, em Locarno. E, se isto não bastasse, é com prazer que se assiste ainda a uma Competição Nacional com, pelo menos, quatro ou cinco filmes que se distinguem da mediania insípida dos últimos anos. A eles, a estas «produções na sombra» que só por milagre chegarão ao circuito de exibição nas salas, daremos destaque particular em ocasião futura. São a prova não de uma qualquer nova escola portuguesa de documentário, não de um projecto baseado e formatado a partir de subsídios do Estado, mas de um conjunto de «franco-atiradores» autónomos e livres que nos últimos anos têm procurado sedimentar-se no território nacional.

Avançamos pelo programa, em jeito de visita guiada. Dos 27 filmes (longas e curtas-metragens) da Competição Internacional, sublinhamos imediatamente **Elle S'Appelle Sabine** e **Chronicle of a Chinese Woman**, fortes candidatos ao Grande Prémio. Já os trouxemos a estas páginas no rescaldo de Cannes. No primeiro, a actriz (e agora realizadora) Sandrine Bonnaire faz um retrato pleno de afectividade da sua irmã Sabine, autista desde a infância e vítima de diagnóstico tardio. **Chronicle...** é outro colosso do cineasta chinês Wang Bing depois do

seu **West of the Tracks**. Durante três horas, em planos fixos e com o rigor dos justos, Bing filma o testemunho de Fengming, uma vítima da política de Mao que reenquadra em discurso directo a violência dos últimos 50 anos de história do país.

Colocam-se ambos numa veia radicalmente oposta ao sensacionalismo a que são permeáveis **Jesus Camp**, de Heidi Ewing e Rachel Grady (relato do grotesco campo de férias para crianças organizado por um grupo de cristãos evangélicos dos EUA), ou **Rebellion: The Litvinenko Case**, que pouco mais faz do que aproveitar o escândalo da morte daquele ex-agente do KGB, envenenado em Londres com requintes de Ivan, «o Terrível». São dois filmes «de tema» que entram na competição pelo grau de popularidade que alcançaram, contrários à velha máxima de Godard: «O que é importante não é fazer filmes políticos, é fazer filmes politicamente.»

A competição tem outros trunfos. Por exemplo, o magnífico **Santiago**, vencedor do Cinéma du Réel 2007, onde o brasileiro João Moreira Salles (irmão de Walter) filma o mordomo da família que acompanhou o seu crescimento. O que parecia ser o «biopic» de uma personagem que se revela

RETROSPECTIVA DE UM OUTSIDER

Lech Kowalski homenageado pelo DocLisboa



Sid Vicious e Johnny Rotten num concerto dos Sex Pistols em «D.O.A.», o filme mais famoso de Lech Kowalski. Em cima, à dir., foto do realizador e, ao lado, Johnny Thunders, guitarrista dos New York Dolls, em «Born to Lose»

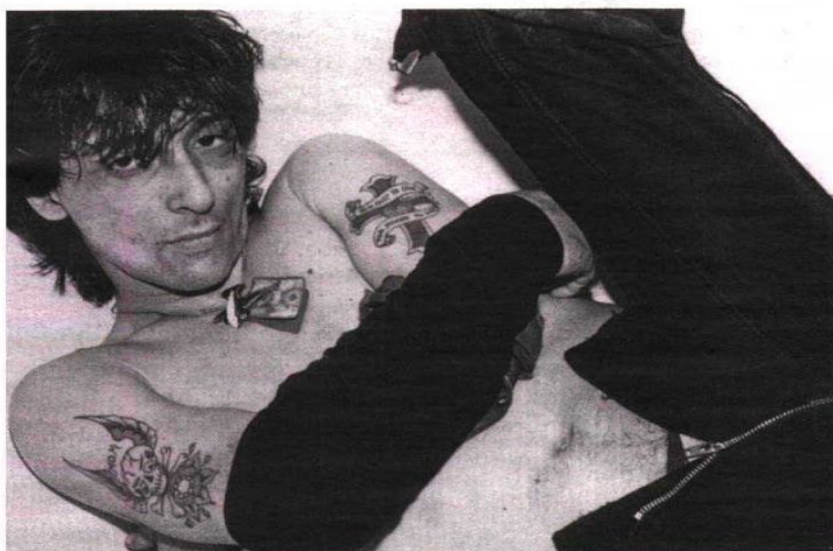
No mês em que se comemoram os 30 anos do lançamento de **Never Mind the Bollocks, Here's the Sex Pistols**, mítico álbum de estúdio dos britânicos Sex Pistols e um dos símbolos máximos do punk (ver pág. 10), o Doc exhibe em Lisboa uma retrospectiva com os filmes mais importantes de Lech Kowalski. Acaso ou não, a verdade é que Kowalski está intimamente ligado ao punk e aos Pistols. Um dos seus primeiros filmes, e ainda hoje o mais famoso, **D.O.A.** — **A Right of Passage** (também conhecido por **Dead on Arrival**), acompanharia a catastrófica «tournee» americana do grupo de Johnny Rotten e Sid Vicious, a mesma que acabaria por ditar o fim da banda. **D.O.A.** consegue absorver o ambiente que fervilhava em torno do movimento e as reacções das pessoas àquela «revolução em cur-

extraordinária cedo se transforma em reflexão sobre a natureza do documentário, o seu poder em fixar o que se perdeu. **Umbrella**, do chinês Du Haibin, analisa ao detalhe toda a estrutura da sociedade do país, do sistema agrário ao industrial, das escolas às instituições militares. O registo é íntimo, o resultado é um fresco contemporâneo. Já **In the North**, também da China, concentra-se na vida de um «junkie» e na sua tentativa de deixar o vício. Outra presença na competição: Nicolas Philibert (autor de **Être et Avoir**), que apresentará **Retour en Normandie**. O realizador volta aos local de um filme dos anos 70 em que trabalhou como assistente, **Moi, Pierre Rivière, Ayant Égorgé ma Mère, ma Soeur et mon Frère**, de René Allio, baseado nas memórias de um assassino de 1835 que deu origem ao livro homónimo de Michel Foucault.

A secção «Vento Norte» traça um panorama de novas propostas nórdicas no campo do cinema documental. «Diários Filmados e Auto-retratos» coloca o cinema na primeira pessoa e reúne testemunhos, alguns pungentes, como **Glitterbug**, último filme de Derek Jarman, feito em forma de compilação de memórias, como alguns dos «clips» que Jar-

man fez antes para os Smiths. Filmar a sua morte é uma experiência extrema, e é o que mostra **La Pudeur et L'Impudeur**, derradeiro e incandescente testemunho do escritor Hervé Guibert, que já então se sabia condenado pela sida. O programa reúne outros diários, de Godard, Jonas Mekas, Stan Brakhage, Chantal Akerman e Boris Lehman, entre outros. Assinala-se, noutra secção, outra «forma de diário», a de um realizador que se filma a si próprio, sobretudo em casa, e inventa uma personagem que acrescenta à banalidade dos gestos do quotidiano uma aura sublime. **De Son Appartement** é provavelmente o melhor filme de Jean-Claude Rousseau desde **La Vallée Close** e venceu o FID Marselha em 2007. Assinalamos ainda o monumento **Andy Warhol: a Documentary Film**, de Ric Burns, **State Legislature**, de Frederick Wiseman, **Le Papier ne Peut pas Envelopper la Braise**, de Rithy Panh, e **Morceaux de Conversations avec Jean-Luc Godard**, de Alain Fleischer, quatro filmes da maior importância, espalhados em secções diversas.

(Programa e outras informações disponíveis em www.doclisboa.org)
actual@expresso.pt



so», que cedo desapareceu. Estamos perante um documentarista que, ao longo da sua vida, fez do seu lema o «estar no sítio certo à hora certa.» Kowalski nasceu em Londres, nos anos 50, filho de pais polacos, e emigrou jovem para Nova Iorque, onde realizou a maior parte dos seus filmes. Vive hoje em França, e foi aí que teve a ideia para o seu último filme, **Winners and Losers**, montagem de material filmado em Paris e em Roma durante a final França-Itália do último Campeonato do Mundo de Futebol. Todos os filmes de Kowalski procuram uma energia transgressora, uma simpatia pelo abismo, como em **Gringo** (1985), história do dia-a-dia de um «junkie», **Rock Soup** (1991), filme sobre a acção e a organização dos sem-abrigo de Nova Iorque, **Born to Lose** (1991-2001), retrato do guitarrista

dos New York Dolls, Johnny Thunders, realizado após a sua morte por «overdose»... Ou ainda **On Hitler's Highway** (2002), um «road-movie» sobre os acasos e as figuras que o realizador vai encontrando na longa estrada que Hitler mandou construir nos anos 30 para facilitar a invasão dos nazis à Polónia. O cinema de Kowalski é directo e instintivo. Concentra-se, tal como o cineasta diz, na «arte da sobrevivência». Pouco ou nada tem a ver com os métodos do documentário praticados nos dias que correm.

F.F.

RAZÕES PARA DEZ FILMES

Pedimos a Sérgio Tréfaut que traçasse um roteiro diversificado, transversal, da razão de algumas das suas escolhas enquanto um dos programadores da 5ª edição do DocLisboa. Afirma que a sua relação com os filmes é sempre a mesma: mostrar o mundo em que vivemos. «Acredito que esses filmes nos fazem pensar e que de alguma forma podem mudar as pessoas», revela o realizador de «Lisboetas». Entre 150 filmes, Tréfaut falou-nos destes dez. Podiam ser outros. «Todos os filmes são importantes», disse

Declarações recolhidas por Ana Soromenho

Elle S'Appelle Sabine

Sandrine Bonnaire
França, 2007, 85'



É o primeiro filme da actriz Sandrine Bonnaire, que guardou o arquivo familiar de filmes, reunido ao longo de 25 anos. A irmã, Sabine, é autista. Durante anos, tentou fazer, junto de médicos, um diagnóstico sobre Sabine e nunca conseguiu. O filme conta essa dificuldade: definir o que é a sintomatologia e o que é o diagnóstico. Vivía com a família e acabou por ficar numa instituição psiquiátrica. A maneira como fala da sua família poderia ser um paradigma. A questão é: como se faz? Há um amor fraternal muito grande, sem ser piegas. O que gosto neste filme é essa frontalidade. Franca, limpa e bonita.

Hot House

Shimon Dotan
Israel, 2006, 90'



Já vi muitos filmes sobre o Médio Oriente. De tudo o que vi, este é o que me revela a irresolução do conflito. Observa, sem comentários, uma prisão de alta segurança em Israel. Para os palestinianos, não há presente. É preferível a morte. Há uma cena, inquietante, onde uma senhora, lindíssima e simpática, que organizou atentados, responde com um sorriso quando lhe perguntam quantas crianças morreram: «três?»; quando lhe dizem «oito», ela abre o sorriso. Esta pessoa é apresentada com frontalidade, sem julgamento. Em Israel, o filme causou enorme perturbação. Tem sido utilizado pela extrema-direita a favor da pena de morte.

Santiago

João Moreira Salles
Brasil, 2006, 80'



É um filme muito especial, com o qual tenho uma relação particular. O autor é filho do maior banqueiro do Brasil e que foi ministro muito anos, o personagem é o mordomo da luxuosa residência Salles no Rio de Janeiro. Há uns anos, João Moreira Salles tentou fazer um filme sobre Santiago, que é uma figura fascinante. Filmou e quando começou a montar parou. Ficou traumatizado. Pôs na gaveta. Anos depois, percebe que não tinha conseguido deixar de se relacionar com o antigo mordomo sem perder a relação de hierarquia. Há vários níveis de entendimento. De certa forma, é também uma reflexão sobre o documentário e a identidade.

These Girls

Tahani Rached
Egipto, 2006, 66'



Estava no Cairo, andava a ver filmes egípcios para escolher uma equipa técnica, quando vi este documentário. Durante uma semana vi-o várias vezes. Tinha passado em Cannes em 2006, já era uma referência. É sobre meninas adolescentes que às vezes são mães, às vezes são filhas e vivem na rua, dormem numa árvore e são de uma alegria fantástica. É a afirmação total de vida. O difícil no documentário — e é a coisa que mais gosto e admiro — é a conquista da confiança que se consegue com os personagens. Para mim, que estava a tentar filmar no Egipto, e onde é difícil resolver certos assuntos, foi importante perceber que era possível.

5-7 Rue Cobeau

Thomas Pendzel
França, 2007, 59'



Ficámos absolutamente maravilhados com este filme. É uma investigação que foca um microcosmo: um prédio muito pequeno que foi destruído. Ao reconstituir a história deste edifício, o realizador conta a história da cidade e a história dos costumes e faz um retrato da França durante o século XX. É surpreendente. Entrevista antigos moradores que passam pedaços de vida. Desenham, contam histórias e fazem-nos mergulhar num local que já não existe. É um filme sobre a vida feito a partir de arquivos. E isso é muito interessante, porque é extremamente difícil fazê-lo.

Cuba, Une Odyssee Africaine

Jihan El-Tahari
França/Reino Unido, 2006, 120'



Quando vi este filme num festival, sobre a presença dos cubanos em África, percebi que era obrigatório trazê-lo a Lisboa. É feito a partir de uma investigação que demorou anos. É muito jornalístico. A realizadora consegue coisas espantosas, como uma entrevista exclusiva feita no ano passado, a Fidel, ou o acesso aos arquivos do Che Guevara e mostrá-lo como nunca foi visto. Portugal é considerado uma presença secundária na guerra civil de Angola, sobretudo, na resolução do conflito. Tenho muita curiosidade de ver a reacção dos portugueses. É surpreendente que tenha sido uma egípcia a fazê-lo para uma televisão franco-alemã.

Mulheres Traídas (making of)

Miguel Marques

Portugal, 2007, 54'



Face a ele, reage-se de maneiras totalmente diferentes. É bastante polémico. Mas é o exemplo de um filme que é importante mostrar. É um documentário sobre um «making of», do último filme de uma senhora do Porto, Maria José Silva, que há décadas escreve, realiza e faz ficção com uma câmara pequena e uma equipa caseira. O que escreve revela um universo de valores, pensamentos, fantasias e padrões afectivos muito reveladores, do meu ponto de vista, sobre os portugueses. Não deixa de ser preocupante! O filme aborda coisas que não são fáceis. Pode-se fazer um filme e chegar a uma certa realidade social. Acredito nisso.

Family

Sami Martin Saif, Phie Ambo-Nielson

Dinamarca, 2001, 91'



Vi-o em Copenhaga, houve um greco que se levantou a meio e disse: «Este é o melhor filme que vi na vida!» O filme tem um personagem muito estranho, meio iemenita meio dinamarquês, que resolve ir com a namorada à procura do pai. Não é evidente que o pai queira saber dele. É um tema clássico, a procura do pai que acaba por ser uma busca da identidade do filho. A esse nível é dos mais impressionantes que vi. Os nórdicos privilegiam a comunicação e a narrativa. Para eles, documentário é cinema. Portugal tem uma linguagem contemplativa. Programei-o com a intenção clara de fazer um contraponto à forma como o documentário é pensado aqui.

Le Papier ne Peut pas Envelopper la Braise

Rithy Panh

França, 86'



Queríamos que o Rithy Pahn tivesse vindo, foi impossível. Está a filmar na Ásia. Este é o mais importante filme feito nos últimos dez anos. deixa a sala absolutamente muda. Inesquecível. O assunto já foi tratado de milhares de maneiras: prostituição de adolescentes. Mas não é isso. Mais uma vez tem a ver com a forma. A maneira como trata cada indivíduo transforma-o num monumento. Tem uma capacidade e um talento extraordinários para pôr no devido lugar a dignidade de cada ser humano. É disso que o filme fala e é o filme mais construído que fez. Utiliza toda a sua arte cinematográfica para trabalhar essa dignidade.

Jean Paul

Francesco Uboldi

Itália, 2006, 8'



Dura sete a oito minutos. Só o aceitamos porque está fora de competição. A história é esta: um senhor, nos Camarões, é preso a uma árvore para morrer com o acordo da família, que acha que ele está enfeitado. E morre. É um filme interessante porque interroga sobre a postura de quem filma e de quem fotografa. Ficamos a pensar: «O que é que faz numa situação destas um cineasta, ou um fotógrafo?» Naquele caso já não podia fazer nada, chegou tarde para poder alterar o processo. Muitas vezes, situações desta natureza podem mudar a vida de quem filma. A questão é essa, quais são os limites? O que é que podemos fazer?